

25 de Setembro de 2020

A missão da ADIMB é a de promover o desenvolvimento técnico-científico e a capacitação de recursos humanos para a Indústria Mineral Brasileira

O conteúdo das matérias é de inteira responsabilidade dos meios de origem



SERVIÇO GEOLÓGICO DO BRASIL APRESENTARÁ ESTUDO GEOLÓGICO DO CINTURÃO GURUPI

O cinturão Gurupi é conhecido pela extensa quantidade de depósitos de ouro, com recursos estimados em mais de 158 toneladas. Além disso, são conhecidas também ocorrências de fosfato, depósitos e ocorrências de minerais industriais e para uso na construção civil e indícios de diamante.

Na próxima quinta-feira (24), às 15h, o pesquisador em geociências Evandro Klein vai apresentar a palestra sobre o Cinturão Gurupi: evolução crustal e metalogênese do ouro. A palestra, voltada para geocientistas, mineradores e estudantes, vai apresentar o resultado das pesquisas geológicas e metalogenéticas na região do Cinturão Gurupi, localizado na divisa entre estados do Pará e Maranhão. O diretor de Geologia e Recursos Minerais, Marcio José Remédio, fará a abertura do evento.

O estudo foi publicado parcialmente no Informe de Avaliação dos Recursos Minerais do Brasil - Áreas de relevante interesse mineral cinturão Gurupi, disponibilizado para a sociedade no ano de 2017 e em diversos periódicos científicos. A área de estudo engloba 12.000 km² na divisa Pará-Maranhão, em região reconhecida por seu potencial aurífero desde o século 17, e que possui também ocorrências de fosfato e depósitos de rochas e minerais industriais e para uso na construção civil.

O projeto envolveu estudos temáticos de geologia básica e geologia econômica com uso de técnicas geofísicas e laboratoriais avançadas e sua execução e gerenciamento, na CPRM – Serviço Geológico do Brasil, foi de responsabilidade da Superintendência Regional de Belém, com participação das divisões de Geologia Econômica (DIGECO), Geoquímica (DIGEOQ) e Sensoriamento Remoto e Geofísica (DISEGE), com coordenação geral dos Departamentos de Recursos Minerais (DEREM) e de Geologia (DEGEO).

A área de Relevante Interesse Mineral (ARIM) Gurupi localiza-se na divisa dos estados do Pará e do Maranhão e ocupa a maior parte do Cinturão Gurupi e o limite sul do Fragmento Cratônico São Luís. Esse cinturão corresponde a um orógeno policíclico, desenvolvido no Riáciano (Paleoproterozoico) e no Neoproterozoico-Cambriano, cuja porção aflorante compreende predominantemente a borda retrabalhada do Fragmento Cratônico São Luís. Duas fases de deformação foram definidas para a evolução paleoproterozoica, dúcteis e relacionadas com o início e final do evento colisional, e uma para a evolução neoproterozoica-cambriana.

Segundo Evandro Klein, “o Cinturão Gurupi é uma área que ainda carece de exploração, tem chamado a atenção nos últimos anos com o desenvolvimento de depósitos auríferos importantes, e é peça chave no entendimento dessa parte da Plataforma Sul-Americana e na correlação com o continente africano em período anterior à abertura do Oceano Atlântico”.

A integração de dados geológicos, geoquímicos, geofísicos e metalogenéticos, usando o conceito de sistemas minerais, definiu alvos prospectivos para ouro além daqueles com mineralizações conhecidas. A região do Gurupi é uma das mais antigas províncias produtoras de ouro no Brasil, por meio de garimpagem, que remonta ao século XVII quando os jesuítas se estabeleceram na região.

Ao longo da palestra, Evandro Klein vai abordar os aspectos magmáticos, sedimentares, metamórficos e tectônicos que deram origem ao Cinturão Gurupi e sua correlação com ambientes tectônicos vizinhos. Também vai discutir aspectos genéticos do sistema aurífero orogênico e sua relação com a evolução geológica.

Evandro Klein é mestre em Geociências pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Doutor em Geociências pela Universidade Federal do Pará e Université Jean Monnet (França). No Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), desde 1994, desenvolveu estudos de cartografia geológica, evolução crustal e metalogênese no

Tapajós, RENCA, Cráton São Luís e Cinturão Gurupi. Mais recentemente, chefiou a Divisão de Geologia Econômica e o Departamento de Recursos Minerais. Atualmente é Editor-Chefe do Journal of the Geological Survey of Brazil.

A live será transmitida pelos canais no Youtube TVCPRM <http://bit.ly/YOUTUBECPRM>

Fonte: CPRM

Data: 18/09/2020



CORROSÃO PROVOCA PERDAS DE 30% DA PRODUÇÃO MUNDIAL DE FERRO E AÇO

Levantamento da Nexa Resources indica que cerca de 30% da produção mundial de ferro e aço é perdida com a corrosão, e os custos correspondem de 1% a 5% do produto interno bruto (PIB) dos países. Em 2019, por exemplo, o Brasil teve um gasto equivalente a R\$ 290 bilhões (4% do PIB) com manutenção da corrosão, segundo informou a empresa.

Para a Nexa, os dados mostram o quanto seria possível poupar com manutenções em edifícios e patrimônios com processos como galvanização. A empresa estima que, com a utilização de técnicas de proteção contra corrosão, a economia poderia representar cerca de 25% do PIB, o que corresponde a R\$ 72 bilhões por ano.

"Diante deste cenário, a galvanização, processo de aplicação de revestimento de zinco na superfície de aço carbono ou ferro fundido, é um dos melhores métodos para se evitar a corrosão, já que tem plena cobertura em qualquer tipo de aço ou ferro, é resistente, durável e tem ótimo custo benefício", afirma a Nexa.

Zinco

De acordo com o levantamento da companhia, cerca de 60% do consumo mundial do zinco é destinado à galvanização. "A aplicação do zinco em um metal como aço, por exemplo, o mantém protegido por anos, evita gastos com manutenção e agrega sustentabilidade, durabilidade e segurança à obra", afirma Daniele Beatriz Palmiro Albagli, gerente-geral de Comercial & Desenvolvimento de Mercado da Nexa Resources.

"Com a galvanização, por exemplo, seria possível aumentar de quatro a seis vezes a vida útil de estruturas metalizadas. A Torre Eiffel, em Paris, não precisaria de mais manutenções. Estima-se que esse ponto turístico já sofreu 17 manutenções desde a sua fundação. Se ela já tivesse sido galvanizada em sua construção, teria sido reformada apenas sete vezes", continua.

A empresa explica que a galvanização é um método que consiste na imersão do metal a ser protegido em um banho de zinco, fundido a uma temperatura média de 450°C. Desse processo são formadas diversas camadas de ferro-zinco, sendo que a superficial é composta apenas de zinco. O resultado é um metal protegido por muitos anos da corrosão.

Batalha da Galvanização

Como forma de estimular o conhecimento acerca do tema e identificar novas aplicações para a galvanização, a Nexa promove o projeto "Batalha de Galvanização", com foco em inovação e sustentabilidade. O concurso busca novas ideias e projetos capazes de identificar ou indicar o que pode ou deveria ser galvanizado na sociedade.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 24/09/2020



ACESSO DA MINERAÇÃO AOS MERCADOS DE CAPITAIS

No dia 29 de setembro, a partir das 9hs, será realizado o seminário "Mineração: Financiamento e Acesso ao Mercado de Capitais", organizado pelo Ibram e Secretaria de Geologia, Mineração e Transformação do MME. A abertura do evento será feita pelo secretário da SGM-MME, Alexandre Vidigal, o presidente do Conselho do Ibram, Wilson Brumer e a Secretária Executiva do MME, Marisete Dadald. Em seguida, o Estrategista-Chefe e Head do Research da XP Investimentos, Fernando Ferreira, fará a palestra inaugural, sob o título "O futuro do investimento e as oportunidades em mineração".

O Painel "Mercado de capitais – Brasil, Canadá e Reino Unido" contará com a participação de Marcelo Barbosa, presidente da CVM, Rogério Santana, diretor da B3, Guillaume Légaré, Head South America da Toronto Stock Exchange, Paulo Castellari, CEO da Appian Capital Brazil e com moderação de Wilson Brumer.

"Novos Mecanismos de Financiamento e Compromissos Socioambientais" é o tema do painel seguinte, reunindo Marco Antonio Fujihara, Expert em Climate Finance, ESG e Sustainable Finance, Maria Luqueze, diretora e Head do Brasil da UK Export Finance, Ana Buchain, diretora da B3, com moderação de Ana Cabral, da A10 Investimentos.

O evento se encerra com o painel Regulação e Financiamento, que terá a participação de Flávio Otoni Penido, diretor-presidente do Ibram, Luís Maurício Azevedo, presidente da ABPM, Arão Portugal, Diretor Geral da Amarillo Gold no Brasil, Tomás Antônio Albuquerque de Paula Pessoa Filho, diretor da ANM e Lília Mascarenhas Sant'Agostino, secretária-adjunta da SGM-MME, que atuará como mediadora.

A participação no evento é gratuita as inscrições podem ser feitas pelo endereço www.mineracaofinanciamento.mediastream.com.br

Fonte: Brasil Mineral

Data: 22/09/2020



COM BENEFICIAMENTO DE GLAUCONITA, KALIUM ESTÁ PRESTES A CONCLUIR PLANTA

A Kalium Mineração criou processo inovador para tratamento de glauconita, mineral encontrado em abundância no país. O projeto, que será apresentado no Workshop Opex 2020 Redução de Custos e Aumento de Produtividade na Mina e na Planta, nos dias 20 e 21 de outubro, prevê aproveitamento do mineral para a produção de feldspato, sulfato de potássio, sulfato de magnésio, óxido de ferro, óxido de alumínio, além de ácido sulfúrico.

A jazida, de cerca de 220 milhões de t de glauconita, situa-se nos municípios de Serra da Saudade e Quartel Geral, no centro-oeste de Minas Gerais. Já a planta industrial fica a cerca de 40 km da mina, no município de Dores do Indaiá (MG). O minério é transportado por caminhão da jazida até a usina.

O processo desenvolvido pela Kalium para o tratamento do minério é inovador. Depois de testado e ajustado, na segunda fase, será implantada uma planta industrial com capacidade de processamento de 600 mil t/ano de ROM.

A planta atual está em fase final de implantação e já opera na produção de ácido sulfúrico.

De acordo com Ricardo Dequech, diretor-presidente da Kalium, todos os produtos têm demanda no mercado brasileiro, notadamente o óxido de alumínio e o potássio. O investimento total no projeto é de quase R\$ 100 milhões.

Fonte: Minérios & Minerales

Data: 22/09/2020



HARVEST CONCLUI ESTE MÊS EXPANSÃO DO PROJETO DE FERTILIZANTE ARAPUÁ, EM MG

A Harvest Minerals informou nesta terça-feira (22) que concluiu o investimento de R\$ 2,8 milhões para expansão das áreas de mineração e armazenamento da sua operação de produção de remineralizador Arapuá, em Minas Gerais. De acordo com a empresa, as obras serão finalizadas ainda em setembro, "antes da principal temporada de compras".

A empresa, produtora do remineralizador KPFétil, informou que as obras quadruplicaram a área de mineração de Arapuá, agora de 78,8 quilômetros quadrados, para "fornecer maior flexibilidade de produção de acordo com a demanda e reduzir os custos operacionais".

Além disso, o investimento também resultou na ampliação em 300% do espaço de armazenamento coberto do produto, que agora abrange uma área de 6 mil metros quadrados, com capacidade para 30 mil toneladas.

O presidente da Harvest, Brian McMaster, ressaltou que os recursos minerais "de várias décadas" da operação e a qualidade do remineralizador produzido pela companhia proporcionam "grande confiança na longevidade de nosso negócio".

"Como prevemos um aumento nas vendas ao longo do tempo, acreditamos que a expansão de nossa mineração e as capacidades de armazenamento nos permitirão atender à demanda e preencher eventuais lacunas de abastecimento deixadas por outros fornecedores de fertilizantes. A obra de expansão está em vias de ser concluída dentro do orçamento e dentro do prazo, pronta para o início da temporada de compras", declarou o executivo.

A Harvest salientou ainda que o custo final da expansão, de R\$ 2,8 milhões, ficou "aproximadamente 30% abaixo do orçamento" e foi totalmente financiado com recursos próprios, incluindo caixa e fluxos de caixa operacionais.

A expansão de Arapuá foi anunciada pela companhia em abril passado, pouco após a Agência Nacional de Mineração (ANM) emitir concessão de lavra para Arapuá que permite à Harvest minerar e processar até 400 mil toneladas anuais do KPFétil. Com a expansão, a empresa afirmou que o trabalho na operação será realizado em "escala de produção de 2-3 turnos".

Fornecedores

A Harvest informou ainda que assinou protocolo de intenções com o governo de Minas Gerais, por meio da Agência de Promoção de Investimento e Comércio Exterior (Indi) do Executivo estadual, que abrange áreas como combinação de negócios com fornecedores locais, autorizações e licenças, planejamento tributário e opções de financiamento, caso necessário.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 22/09/2020



GOLD INDUSTRY NEEDS FURTHER CONSOLIDATION, SAYS BARRICK'S BRISTOW

The gold industry still has a mismatch of assets in too many managers' hands and is in need of further consolidation, says gold major Barrick CEO **Mark Bristow**.

Speaking at the virtual Gold Forum Americas conference, he said that the industry had come a long way in 18 months, but that the job was not yet finished.

"The industry could be better served if we could reallocate some of the assets into the right place, with managements that have proven track records to deliver value," Bristow said.

"Wherever we can, we will encourage and where we see opportunities to add to our tier-one portfolio, we will be right there in the front of the queue."

The 2018 merger of Barrick and Randgold Resources – the company that Bristow found – ignited an industry shake-up. Several company and industry deals followed, including the Newmont-Goldcorp deal, Barrick and Newmont's Nevada joint venture, Barrick taking Acacia Mining private and the major's sale of Massawa, in Senegal, to Teranga Gold.

In West Africa, Canada-based Endeavour Mining has started to consolidate, which Bristow said was pleasing to see. "It is nice to see somebody working hard to take Randgold Resources' place."

On activity in North America, he said that it was "fantastic" to see the Australian miners come into Canada. "They really do know how to mine."

Bristow urged the investment community to support the industry to continue consolidation. When ideas to rearrange the industry were first mooted, many investors were loath to support initiatives.

Fonte: Mining Weekly

Data: 22/09/2020



CSN

PLANO DE NEGÓCIOS PREVÊ R\$ 33,1 BILHÕES

O Conselho de Administração da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) aprovou novo plano de negócios da controlada CSN Mineração S.A (CMIN), tendo em vista projetos de expansão para exploração completa do potencial de suas reservas e recursos.

O plano prevê o aumento da capacidade de produção de minério de ferro das atuais 33 milhões t/ano para 108 milhões t/ano até 2033, além de melhorar a qualidade do produto da média atual de 62% de teor de ferro para 67%, o que envolverá investimentos totais da ordem de R\$ 33,1 bilhões.

Serão basicamente quatro projetos: 1) Expansão da Planta Central, acrescentando 6 milhões t/ano à capacidade de produção de pellet feed, com investimento de R\$ 1,2 bilhão ao longo de três anos; 2) Recuperação de rejeitos das barragens de Pires e Casa de Pedra, o que permitirá a recuperação de 180 milhões t de rejeitos, acrescentando 8 milhões t anuais à capacidade de produção atual, com investimentos de R\$ 1,1 bilhão ao longo de cinco anos; 3) Projetos de Itabirito, com instalação de novas plantas ou expansão de plantas atuais, para produção de pellet feed premium com baixo grau de impurezas e alto teor de ferro (inclusive pellet feed de redução direta). Estes projetos agregarão 103 milhões t/ano de capacidade e o investimento previsto é de R\$ 22,7 bilhões, a serem desembolsados até 2033; 4) Expansão do Tecar (Terminal de Cargas), a fim de suportar as expansões na mina. O acréscimo de capacidade será feito de forma escalonada (60, 84 e 130 milhões t/ano), com investimento de R\$ 6,3 bilhões a serem desembolsados ao longo de oito anos.

O Conselho de Administração também autorizou os diretores da companhia a adotar as medidas necessárias para a realização de oferta pública inicial de ações de emissão da CMIN com o objetivo de financiar parte do plano de negócios, além de criar valor para seus acionistas.

Ebitda de R\$ 9,75 bi para 2020

A CSN informa ainda aos acionistas e mercado em geral que planeja atingir aproximadamente R\$ 9,75 bilhões de EBITDA ajustado no fechamento do balanço anual de 2020, aproximadamente 2.99x Dívida Líquida/EBITDA ajustado no fechamento do balanço anual de 2020 e cerca de R\$1,50 bilhão de CAPEX no final do ano.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 22/09/2020



AMARILLO GOLD PREVÊ INVESTIMENTOS DE R\$ 600 MILHÕES EM MARA ROSA (GO)

A implantação de uma unidade industrial de mineração de ouro da Amarillo Gold no município de Mara Rosa, norte do estado de Goiás, está previsto começar em outubro, atingindo o pico dos trabalhos a partir de abril de 2021, após o período das chuvas.

O projeto, que será apresentado no Workshop Opex 2020 Redução de Custos e Aumento de Produtividade na Mina e na Planta, nos dias 20 e 21 de outubro, envolve investimento de aproximadamente R\$ 600 milhões.

O começo da operação está previsto para segundo semestre de 2022. A vida útil da mina está estimada em dez anos, período que pode ser ampliado com a continuidade da pesquisa geológica. O início da abertura da mina (*pre stripping*) está previsto para abril de 2021.

O empreendimento será um dos primeiros projetos *greenfield* da região, já concebido sem barragem de rejeitos, com uso da tecnologia *dry stacking*, de empilhamento a seco. O processo prevê uso de menos água nova durante o tratamento mineral.

Os trabalhos de pesquisa realizados pela Amarillo Gold tiveram investimentos de cerca de US\$ 15 milhões. A empresa recebeu a Licença Preliminar (LP) para implantação do projeto em 2016 e realizou, em fevereiro daquele ano, uma audiência pública, para levar informações sobre o Projeto Mara Rosa e esclarecer dúvidas dos mais diversos públicos do entorno.

A reserva da Amarillo Gold no estado de Goiás é estimada em 1,1 milhão de onças de ouro, com teor de 1,4 g/t. A empresa também desenvolve avaliações em área de exploração em estágio avançado em Lavras do Sul, localizado no Rio Grande do Sul, integrado por 22 alvos com ocorrências de ouro.

Fonte: Minérios & Minerales

Data: 22/09/2020



LASER MINING – THE LIGHT AT THE END OF THE TUNNEL?

At the very heart of mining lies the tough task of breaking up rocks. In the heart of US mining country, Coeur D’Alene, Idaho, a team of engineers is building a machine that they believe can take it on – with lasers.

Merger Mines Corporation (OTC: MERG) said it is doing what nobody in the industry is doing – and has applied academic conceptualization, computer modeling, and study of laser technology to engineer and design its inaugural “thermal fracturing” prototype units.

The application of the “Graduated Optical Colimator” (GOC) for the mining industry consists of a one-kilowatt optical power fiber laser to selectively spall igneous geological formations containing narrow veins of precious metals.

Merger said the prototype addresses key issues like mining using less explosives, chemicals and waste.

“We’ve been working at this problem for five or six years now – and we’ve discovered that a lot of laboratory research has been done in the private sector and in the government sector,” Gary Mladjan, Merger Mines’ VP, engineering and technology told MINING.COM.

“Argonne National Labs in Chicago did the first demonstrations to prove their fracturing methods for breaking up rocks, but they were working mostly in the oil and gas industry.”

Mladjan said the GOC is only three feet high and six feet wide – small enough to be helicoptered into a mine site.

Mladjan, who has served in the U.S. Army Corps of Engineers, said past tests on mine sites using lasers have used too much power and have wound up melting or vaporizing rocks, as every rock specimen will have different needs for power.

“Where the fracturing is – it’s a very narrow margin [that] depends on laser power, which is low level, and the duration of the exposure to the rock where you actually get the thermal fracturing,” Mladjan said. “Argonne did this in sandstone and shale, another study in Europe did it in graphite, which is more akin to what we’re doing.”

“IF YOU LOOK AT LASERS IN MINING, WHAT YOU’RE FINDING IS IT IS BEING USED TO MEASURE DISTANCES, AND NOT DOING ANY ACTUAL MINING”

Gary Mladjan, Merger Mines VP, engineering and technology

Mladjan said the lab experiments calculated the impact of the fracturing, and when Merger reviewed the papers, they realized Argonne proved what can be done, so Merger productized the findings of abundant research.

“The reason we are able to do that is based on the research of a number of people who are advisers for us and their experience in industry,” Mladjan said.

“We’ve come up with a method where we can do that exposure duration that will thermally fracture the rock. If you look at lasers in mining, what you’re finding is it is being used to measure distances, and not doing any actual mining.”

He added that the GOC can be used as a surveying instrument for excavations in a coal mine with methane gas.

Currently, the machine is a test instrument with the concept model built, and the production unit would be autonomous.

“What we developed this for was to go back in and work some of the older mines that have been shut down or abandoned that has narrow veins that are not economically feasible to work with today’s conventional mining,” Mladjan said.

“We can go into some of these older mines that were done in the 1890s or 1920s or 30s where that was how they did it – blasting was like a one-man operation.”

Merger has been looking at mines like Lucky Friday in Silver Valley where there are a number of stringers off to the side that could be valuable, but not for a large operation.

“We can go in and follow a very narrow vein to wherever it takes us.”

Mladjan said the GOC can differentiate between host rock and waste rock and direct the waste material away and harvest the ore-bearing material, and it doesn’t use a crusher, which produces tailings.

The GOC, Mladjan said, can go back to existing mines that miners gave up on because couldn’t identify ore using existing mining methods and extend the life of the mine by going after [what] they left behind.

“This could be cost-cutting,” Mladjan said. “You [could] afford to go back in and turn marginal mines into profitable mines.”

Fonte: Mining.Com

Data: 22/09/2020



ATIVIDADE MINERAL NO PAÍS SOBREVIVE À CRISE

Produção sobe e é beneficiada por alta dos preços; recolhimento de royalty (Cefem) tem projeto de crescer 5% no ano

Longe da crise

Desempenho da mineração no Brasil ignora efeitos da pandemia sobre a economia*

	Em mil toneladas		Em US\$ mil	
	Set/19	Set/20	Set/19	Set/20
Minério de ferro e seus concentrados	1.521	2.167,10	98.921,10	172.605,90
Minérios de cobre e seus concentrados	4,2	5,3	7.892,40	12.296,90
Minérios de alumínio e seus concentrados	35	18,5	592	1.301,20
Minérios de metais preciosos e seus concentrados	6,2	6,8	10	10,50
Outros minérios e concentrados dos metais de base	24,6	36,4	3.183,10	4.906,60

Total da indústria extrativista**



Mais de 30% é valorização do minério de ferro neste ano no mercado chinês, valendo mais de US\$ 120 a tonelada

Fonte: Secex. *Média diária das duas primeiras semanas de setembro de 2020 sobre média diária de setembro de 2019. ** Inclui petróleo, gás, fertilizantes e outros bens

Apesar da pandemia da covid-19, que causou forte retração na atividade econômica brasileira no primeiro semestre, o setor de mineração segue em ritmo acelerado. Nas duas primeiras semanas de setembro, as exportações de minério de ferro, por exemplo, chegaram a 17,3 milhões de toneladas, segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex). A média diária da tonelada embarcada cresceu 42,48% no comparativo com o mesmo período do ano passado, que foi de 1,52 milhão de toneladas.

O valor da tonelada negociada na exportação durante a primeira quinzena de setembro foi 74,49% maior que a cotação apurada no mesmo período do ano passado, de acordo com a Secex. A média diária negociada, segundo os dados, foi de US\$ 172,6 milhões no período.

Outro mineral que se destaca é o cobre. As exportações do metal e seus derivados, conforme os dados da Secex, a média diária alcançou 5,32 mil toneladas no período, alta de 26,66% na mesma base de comparação anual. Em termos de valor negociado, informa a secretaria, a média diária, foi de US\$ 12,3 milhões.

“Esse desempenho mostra que a operação das mineradoras está melhor do que no ano passado. Isso em um ano em que a economia mundial sofreu um baque”, disse o consultor de relações institucionais e econômicas da Associação dos Municípios Mineradores de Minas Gerais (Amig), Waldir Salvador.

Segundo ele, com os resultados que verifica no setor este ano, a arrecadação da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Mineráveis (Cefem) deverá atingir R\$ 4,7 bilhões em 2020, crescimento de 5% em relação ao ano passado. O carro-chefe desse valor é minério de ferro. “A arrecadação média mensal está em torno de R\$ 370 milhões. Se continuar no ritmo de agosto, que foi de R\$ 490 milhões, esse valor anual pode atingir R\$ 5 bilhões”, afirma o consultor da entidade.

Salvador ressaltou, porém, que esse bom momento se deve, em grande parte, à valorização do minério de ferro, que no ano acumula alta superior a 30%. Na sexta-feira, a cotação do produto, com teor de 62% de ferro, negociado no porto de Qingdao, na China, fechou em US\$ 124,90%. “O dólar [no atual patamar no Brasil] nesse patamar e os preços da tonelada da commodity nesse ritmo explicam essa arrecadação do royalty”, destaca.

A produção mineral no país teve um faturamento de R\$ 39 bilhões no primeiro semestre, segundo o Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram). Desse valor, a representação do minério de ferro foi de 59,3%. Já a participação do ouro - cujo preço teve elevada valorização no ano devido ao cenário global da economia - foi de 13,7%. A do cobre, 7,8%.

“Podemos ter aumento na arrecadação de Cefem, puxada por maior produção da Vale”, disse o presidente executivo do Ibram, Wilson Brumer, durante apresentação dos números do primeiro semestre.

Salvador, da Amig, disse que a mineradora está fazendo 1 milhão de toneladas ao dia, somente nas operações situadas em Minas. “A Vale vai conseguir cumprir os objetivos desse ano, mesmo com as operações em Minas Gerais ainda sem operar à plena capacidade. Há minas que estão paradas por razões de estabilidade de barragens. Assim que resolver esse problema, a companhia, tem uma projeção de produzir 177 milhões de toneladas em Minas Gerais, no final de 2023.”

Para este ano, o guidance de produção total da Vale é de 310 milhões de toneladas a 330 milhões de toneladas. No primeiro semestre, a companhia fez 127 milhões de toneladas. A expectativa da mineradora é de ao menos 183 milhões de toneladas de minério de ferro neste semestre.

O analista de mineração e siderurgia do Itaú BBA, Daniel Sasson, disse que a Vale deve produzir 50 milhões de toneladas a mais neste semestre em relação à primeira metade do ano, o que poderá ajudar a empresa a atingir o piso do guidance estimado para 2020, de 310 milhões de toneladas.

“No primeiro semestre, tivemos o impacto do clima, com as chuvas na região Sudeste. Aliado a isso, a parada de operações de algumas minas por causa do novo coronavírus. Por tudo isso, a produção no segundo semestre deve vir mais forte. E isso vai fazer a arrecadação da Cefem subir na mesma medida”, disse Sasson.

Segundo o analista, outro fator que pode impulsionar o recolhimento da alíquota do royalty - que varia percentualmente entre os minerais - é o preço do minério de ferro. Sasson estima que a cotação da commodity deve permanecer no patamar de US\$ 100 até o final do ano. “A produção das siderúrgicas chinesas continua a surpreender. Isso deve se manter”, afirmou.

Fonte: O Valor

Autor: Ana Paula Machado

Data: 21/09/2020



GOLD MINERS INSIST THEY WON'T SPLURGE DESPITE PRICE SURGE

The world's top gold miners sought to reassure investors on Monday that they're not going on a spending spree despite surging gold prices boosting their shares and free cash flow.

Miners are opting to give more cash back to shareholders rather than plotting takeovers which the market may disapprove of with the COVID-19 pandemic far from over.

“We don't need to, and will not be, chasing volume,” Newmont Chief Executive Tom Palmer told the Gold Forum Americas conference. “In this current gold price environment we are actively assessing an increase to our sustainable dividend.”

Newmont's annual dividend of \$1 per share was based on a gold price of \$1,200 per ounce. Gold was last trading at \$1,887 per ounce.

Kinross reinstated its dividend last week, at 12 cents per share annualized, for the first time since 2013. "We think it's a good starting point," CEO Paul Rollinson said at the conference.

Newcrest Mining targets a dividend payout of at least 10% to 30% of free cash flow.

"Having a lot of gold won't create value unless you can achieve strong margins from its extraction," said Newcrest CEO Sandeep Biswas.

Barrick Gold CEO Mark Bristow said the industry needs further consolidation but sought to reassure investors he saw no imminent deals.

"Wherever we see opportunities to add to our Tier 1 portfolio, we'll be right there in front of the queue," he said, but added: "The most important thing is exploration and organic growth."

Barrick will publish a formal dividend policy early next year.

Sibanye-Stillwater would like to increase exposure to gold but it's a "difficult time to do anything," Chief Executive Neal Froneman said.

"We don't anticipate major M&A announcements," Credit Suisse analyst Fahad Tariq said on Friday. Site visits remain difficult and companies are wary of repeating past mistakes, he said.

Fonte: Reuters

Autor: Helen Reid e Jeff Lewis

Data: 21/09/2020



VALTERRA EMITIRÁ AÇÕES PARA ADQUIRIR PROJETO DE OURO LIVRAMENTO, NO MT

A Valterra Resource Corporation anunciou a emissão de 30 milhões de ações com o objetivo de se capitalizar para concluir a aquisição da Poconé Mining Mineração Ltda (PMM). e, conseqüentemente, a opção de compra do projeto de ouro Livramento, no Mato Grosso. Com a emissão a companhia canadense pretende arrecadar o equivalente a R\$ 12,3 milhões.

A aquisição da PMN foi anunciada pela Valterra em meados do ano. Com o negócio de US\$ 1,9 milhão a empresa canadense assume a propriedade do projeto de ouro Lima, propriedade de 172ha no município que dá nome à mineradora brasileira.

Agora, a Valterra informou que a PMN também tem a opção de compra do projeto Livramento, por US\$ 3,7 milhões. "A PMM concluiu um pagamento inicial para a propriedade de 250ha e a usina que já produzem", informou a empresa em comunicado, sem informar o valor do desembolso inicial. O restante do valor deverá ser pago em 18 parcelas.

Livramento está situado a 64km de Lima. Segundo a companhia, a propriedade possui cinco permissões de lavra garimpeira de 50ha cada e licenças ambientais, "além de infraestrutura completa no local, incluindo uma planta de recuperação por gravidade de 30 tph e uma grande frota". O ativo está "em operação intermitente" desde 2017.

"A Valterra planeja atualizar a planta de processamento para aumentar a produção e reiniciar as operações de mineração nos próximos seis meses. As áreas iniciais com estruturas e veios prospectivos para amostragem em massa já foram identificadas", afirmou a empresa.

Além da aquisição, a companhia disse que os recursos obtidos com a emissão das ações também será usado para exploração adicional e modelagem geológica para a elaboração de relatório técnico NI-43-101 atualizado da operação.

A Valterra afirmou que as aquisições fazem parte de uma "nova estratégia da empresa", com "metas de curto e médio prazo de gerar receita através da aquisição e desenvolvimento de pequenos depósitos de ouro do tipo laterita com usinas de processamento, que têm espaço significativo para crescimento".

Cada unidade emitida pela empresa será vendida pelo equivalente a R\$ 0,41 e consistirá em uma ação ordinária e meio direito de opção de compra. Cada direito permitirá, por um período de três anos, a aquisição de outra ação ordinária pelo valor de R\$ 0,61.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 21/09/2020

DEPOIS DE ATINGIR PREÇO RECORDE, MINÉRIO DE FERRO TEM TENDÊNCIA DE QUEDA, APONTAM ESPECIALISTAS

Matéria-prima bateu os US\$ 130 por tonelada este ano, mas nesta segunda, pela primeira vez desde agosto, ficou abaixo dos US\$ 120

A demanda chinesa por **minério de ferro** no pós-pandemia segue resiliente, mas a expectativa de entrada de novas capacidades no mercado aliada à estabilização do consumo sugerem o fim do rali de preços em 2021. Embalada pelo déficit entre oferta e demanda, a matéria-prima bateu os **US\$ 130 por tonelada este ano**, mas tende a desacelerar.

Protagonista da curva de alta desde a tragédia de Brumadinho, a Vale reforçou na semana passada o foco em chegar aos 400 milhões de toneladas em capacidade até 2022 e, no futuro, ao patamar de 450 milhões de toneladas. A BHP Billiton também jogará mais minério no mercado a partir do ano que vem, com o projeto Flanco Sul. O movimento começa a ser precificado, embora de forma gradual.

De 2 de janeiro até agora, o preço do minério negociado no porto de Qingdao, na China, referência para o mercado mundial, acumula alta superior a 36%. Mas apesar de ter atingido um pico de US\$ 130,17 na segunda, 14, o produto encerrou a semana em queda de 2,7%.

Desde o início de setembro, o preço está praticamente estável, com a percepção de que a relação entre oferta e demanda está cada vez menos apertada. O patamar atual parece ser o teto dos preços, e para analistas, surgem sinais de que tendência até o final do ano é de baixa superior a dois dígitos percentuais.

Nesta segunda-feira, 21, o preço do minério de ferro negociado em Qingdao teve queda de 4,07%, a US\$ 119,82 a tonelada. É a primeira vez desde o início de agosto que os preços ficam abaixo de US\$ 120 a tonelada.

A consultoria britânica Capital Economics calcula um aumento de 4,4% na produção da commodity em 2021. Após um déficit entre oferta e demanda ainda mais profundo em 2020 que em 2019, prevê que o mercado transoceânico ficará superavitário no ano que vem. Isso significará recomposição de estoques e pressão sobre os preços. Ao mesmo tempo, a demanda global deve permanecer estável. Com isso, "o preço do minério de ferro cairá drasticamente de US\$ 110 por tonelada ao fim de 2020 para US\$ 80 por tonelada no final de 2021", escreve o economista Samuel Burman.

A forte demanda por parte da China no pós-**coronavírus** foi a alavanca dos preços. A partir do início de julho, a commodity ficou acima dos US\$ 100 em todas as sessões, e bateu em US\$ 130 no último dia 14. Isso porque ao mesmo tempo em que o governo chinês lançou um arsenal de estímulos à economia local, entre eles grandes projetos de construção, a demanda começou a sofrer restrições. Mesmo com o mercado redirecionando minério de países com demanda mais fraca à China, a necessidade local foi o suficiente para sustentar os preços.

Em julho, de acordo com os dados mais recentes da World Steel Association, as siderúrgicas mundiais produziram 2,5% menos aço do que um ano antes. O desempenho foi ajudado pela China, onde a produção subiu 9,1% na mesma comparação. Em outros importantes produtores, o cenário foi outro: no Japão, houve queda de 27,9%. Nos Estados Unidos, de 29,4%.

Ao mesmo tempo, a China recebeu menos minério do Brasil. O País teve a produção afetada entre janeiro a março pelo maior volume de chuvas em importantes sistemas de extração. As exportações brasileiras de minério à China foram 5,5% menores do que no mesmo intervalo de 2019, afetadas pela tragédia de Brumadinho, que reduziu a produção mineral nacional. A curva é semelhante nas exportações a todo o mundo.

Esse cenário, porém, começa a mudar. Em um fenômeno comum em termos sazonais, o suprimento brasileiro à China subiu mês a mês entre junho e agosto. O movimento vai de encontro a percepções de que o apetite chinês pelo material pode estar próximo a um limite, mesmo com a demanda ainda forte. Ao mesmo tempo, a demanda no restante do mundo ainda é fraca, e a capacidade chinesa de absorver esse volume é limitada.

"A China representa dois terços do mercado de minério, e o outro terço ainda joga a demanda para baixo", explica Daniel Sasson, analista de mineração e siderurgia no Itaú BBA. "A China, sozinha, compensa essa fraqueza no resto do mundo. A grande dúvida é até quando a produção chinesa de aço se sustenta."

400 milhões ou mais

Os movimentos da Vale ajudam a entender a formação dos preços. Em encontro com analistas na quarta, 16, a mineradora sinalizou que pretende elevar sua capacidade de produção a 400 milhões de toneladas até 2022 e a 450 milhões de toneladas "no futuro" - que, para bancos como o Credit Suisse, será em 2024.

A Vale é uma das maiores produtoras do insumo no mundo, próxima a nomes como as anglo-australianas Rio Tinto e BHP. Além disso, o minério que produz em operações como o projeto S11D, no Pará, tem maior concentração de ferro e pureza, e por isso, costuma ser negociado a prêmio em relação à média do mercado. Sua

importância é visível na curva de preços. Em junho, quando o complexo de Itabira (MG) foi interditado pela justiça por causa da covid-19, os preços deram um salto.

A previsão de maior oferta de minério por um ator relevante entra nos modelos dos bancos de investimento, que já alertam os investidores para uma correção de preços. O Bradesco BBI, por exemplo, vê a tonelada do insumo negociada a US\$ 70 já no próximo ano, ou 30% a menos do que o preço estimado para o final de 2020. O Goldman Sachs vê uma menor correção, mas ainda assim, estima uma média de US\$ 90 a tonelada, menor que os preços atuais. Já a equipe de Equity Research do Santander projeta um preço médio do minério de US\$ 95 por tonelada em 2021, ante US\$ 103 neste ano.

"O minério está num patamar muito alto e deve começar a cair, mas isso será gradual. O preço médio segue robusto", diz o analista Rafael Barcellos. Ele calcula que a Vale terminará o ano com produção abaixo da faixa mínima de 310 milhões de toneladas anuais de seu guidance e só ultrapassará os níveis pré-Brumadinho - 385 milhões de toneladas - em 2023. Ou seja, acredita em um aumento de oferta menos abrupto pela companhia.

O recuo do preço do minério, entretanto, não é necessariamente um dado negativo para um player como a Vale. O analista Ilan Arbetman, da Ativa Investimentos, diz que o patamar atual de preço dificulta a estratégia da mineradora brasileira de diferenciação pela venda de produtos premium. A fatia desse tipo de produto nas vendas da mineradora no segundo trimestre caiu para 83%, ante 87% no primeiro trimestre.

"Quando o minério está mais caro, a probabilidade de uma siderúrgica, que já teve sua demanda afetada pela pandemia, optar por um produto premium fica mais baixa. As produtoras de aço abrem mão de produtividade", explica Arbetman, para quem um preço da matéria-prima na faixa dos US\$ 80 a US\$ 90 por tonelada, ainda alto, geraria maior demanda e prêmios por esse minério premium, resultando em melhores margens. / COLABOROU CÍCERO COTRIM.

Fonte: Estadão

Autores: Mariana Durão e Matheus Piovesana

Data: 21/09/2020



NORMA INTERNACIONAL PARA ESPECIFICAÇÃO DE FERRONÍQUEL É ATUALIZADA

Após mais de cinco anos de trabalho e negociações, a norma **ISO 6501 – Ferronickel – Specification and delivery requirements** foi atualizada tecnicamente, sob a liderança brasileira, informa o Comitê para a Normalização Internacional em Mineração (CONIM). O trabalho foi coordenado por Mônica Cesar, da área comercial de Metais Básicos da Vale, e contou com a participação de todos os especialistas do Comitê de Normalização Internacional em Não Ferrosos (ABNT/CEE-081). O projeto recebeu apoio e contribuições de vários países, principalmente França e China.

A versão 2020 da norma apresenta uma nova classificação para o produto, alinhada com a utilizada para as demais ligas metálicas, que considera a faixa de composição do principal constituinte, Ni, bem como dos contaminantes mais importantes a saber: C, Si, P, S. Os quadros a seguir, extraídos da norma, resumem o modelo de classificação:

Table 1 – Ni content in ferronickel

Designation	Chemical composition, % (m/m)		Other elements
	Ni		
	From (incl.)	Up to (not incl.)	
FE Ni 20	15	25	See Table 2
FE Ni 30	25	35	
FE Ni 40	35	45	
FE Ni 50	45	60	
FE Ni 70	60	80	

Table 2 – Chemical composition of main constituent elements of ferronickel and usual impurities of ferronickel

Designation	Chemical composition, % (m/m)									Cr	Co	Cu	Other elements
	C		Si		P		S		Max				
	From (incl.)	Up to (not incl.)	From (incl.)	Up to (not incl.)	From (incl.)	Up to (not incl.)	From (incl.)	Up to (not incl.)					
Low	-	0,030	-	0,20	-	0,010	-	0,030	0,10	1)	2)	See 5.1.3	
Medium	0,030	1,000	0,20	1,00	0,020	0,020	0,030	0,100	0,50				
High	1,000	2,500	1,00	4,00	0,030	0,030	0,100	0,400	2,0				

1) $\frac{Co}{Ni} = \frac{1}{20}$ to $\frac{1}{40}$, for information only

2) Cu max 0.20%

A designação do produto ferroníquel é obtida pela combinação dos elementos das Tabelas 1 e 2. Exemplo: FE NI 30 HC MP MS HSi, onde L= baixo, M= Médio e H=alto

Para Mônica Cesar, o projeto é de alta relevância para o setor. “Entregamos uma norma internacional que norteia os contratos de Ferroníquel, numa versão atualizada sob o ponto de vista técnico-comercial e também às diretivas da ISO”.

No conteúdo apresentado, encontram-se informações para o pedido de compra e requisitos de composição química, forma de entrega e formação dos lotes, controle de contaminações, além de recomendações para amostragem e análise do ferroníquel. Além disso, o projeto define os procedimentos nos casos de divergência de resultados dos teores de níquel, entre fornecedores e clientes.

Uma prévia do conteúdo da ISO 6501:2020 pode ser acessada [aqui](#).

Fonte: IBRAM

Data: 21/09/2020



CEOs DE MINERADORAS DO OURO ALERTAM PARA RIGOR DE CRITÉRIOS ESG

A forte valorização do **ouro** traz ganhos bem-vindos ao setor de mineração, mas também atrai uma base mais ampla de investidores que exigem maior atenção aos tópicos ambientais, sociais e de governança, conhecidos pela sigla ESG.

O interesse nessas questões tem dominado as conversas com partes interessadas no último ano, disseram diretores-presidentes de mineradoras antes do Gold Forum Americas, conferência organizada pela Denver Gold Group, um evento anual importante no mundo dos metais preciosos.

Essas conversas coincidem com bilhões de dólares colocados em ofertas de ações de mineradoras de ouro, antes evitadas.

Generalistas olham para o ouro por causa dos preços altos e do “forte argumento de que o preço do ouro pode subir”, de acordo com Sean Boyd, CEO da Agnico Eagle Mines, uma das 10 maiores produtoras de ouro.

E esses investidores tendem a julgar empresas de mineração pelas lentes ESG.

“Eles não querem correr muitos riscos, e uma grande parte da avaliação de risco é pelo lado ESG”, disse Boyd em entrevista por telefone.

A conferência organizada pela Denver, que começou domingo e está sendo realizada virtualmente, também deve gerar discussões sobre responsabilidade fiscal, dado o aumento de quase 30% do ouro neste ano, e quanto fluxo de caixa livre deve ir para acionistas. Mas o ESG é a única questão que pode irritar investidores e mineradoras ainda mais do que dinheiro.

“Muitas vezes é a primeira e, às vezes, a única discussão quando nos encontramos com investidores na Europa”, disse Tom Palmer, CEO da Newmont, maior mineradora de ouro do mundo, em entrevista por telefone.

No Fórum Econômico Mundial em Davos em janeiro, muitas vezes “o único tópico de discussão era sobre a intensidade do carbono e o trabalho que está sendo feito para reduzir as emissões de gases de efeito estufa”.

Como toda indústria extrativa, a mineração por natureza agride o meio ambiente. As empresas também entram em conflito com comunidades locais ou despertam a ira dos acionistas sobre questões de governança corporativa.

Ao contrário de mineradoras de cobre ou metais de baterias, por exemplo, produtoras de ouro podem enfrentar mais ceticismo de investidores com mentalidade ESG.

Isso porque o ouro, que é usado principalmente para produzir joias e atua como reserva de valor em barras e moedas, tem menos utilidade no avanço de uma **economia** verde.

“Ouro é uma coisa estranha porque a maior parte dele fica em cofres ao redor do mundo acumulando poeira”, disse o diretor-presidente da B2Gold, Clive Johnson, por telefone.

No entanto, mineradoras de ouro podem alcançar os mais altos padrões ESG, disse Johnson, e o sucesso de uma empresa deve ser “definido por suas relações com a comunidade, segurança em minas, coisas que você faz por seus funcionários”.

Fonte: Money Times

Data: 21/09/2020



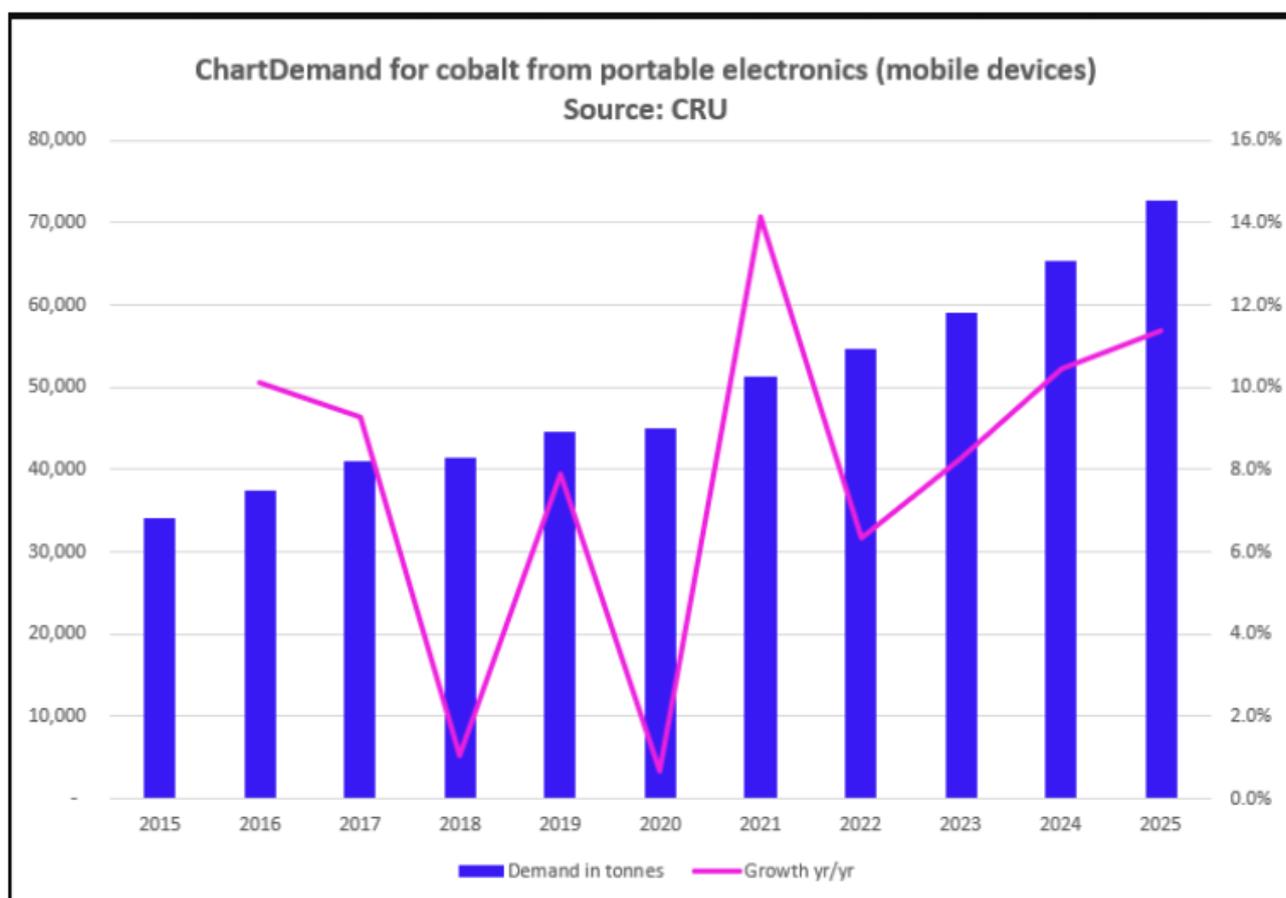
COBALT DEMAND FOR 5G TECHNOLOGY TO CHALLENGE ELECTRIC VEHICLES

The need for larger rechargeable batteries and more energy storage for 5G technology is expected to significantly boost demand for cobalt over coming years and potentially pit the sector against electric vehicle makers.

Larger batteries, using lithium cobalt oxide chemistry (LCO), are needed in 5G phones because the antenna, used to transmit and receive radio waves, need more power than those in 4G phones.

Base station antenna for 5G also need significantly more power, putting pressure on power grids, necessitating the use of energy storage systems, which in China are now being built with cobalt containing lithium-ion batteries.

(Graphic: Cobalt demand and mobile devices -)



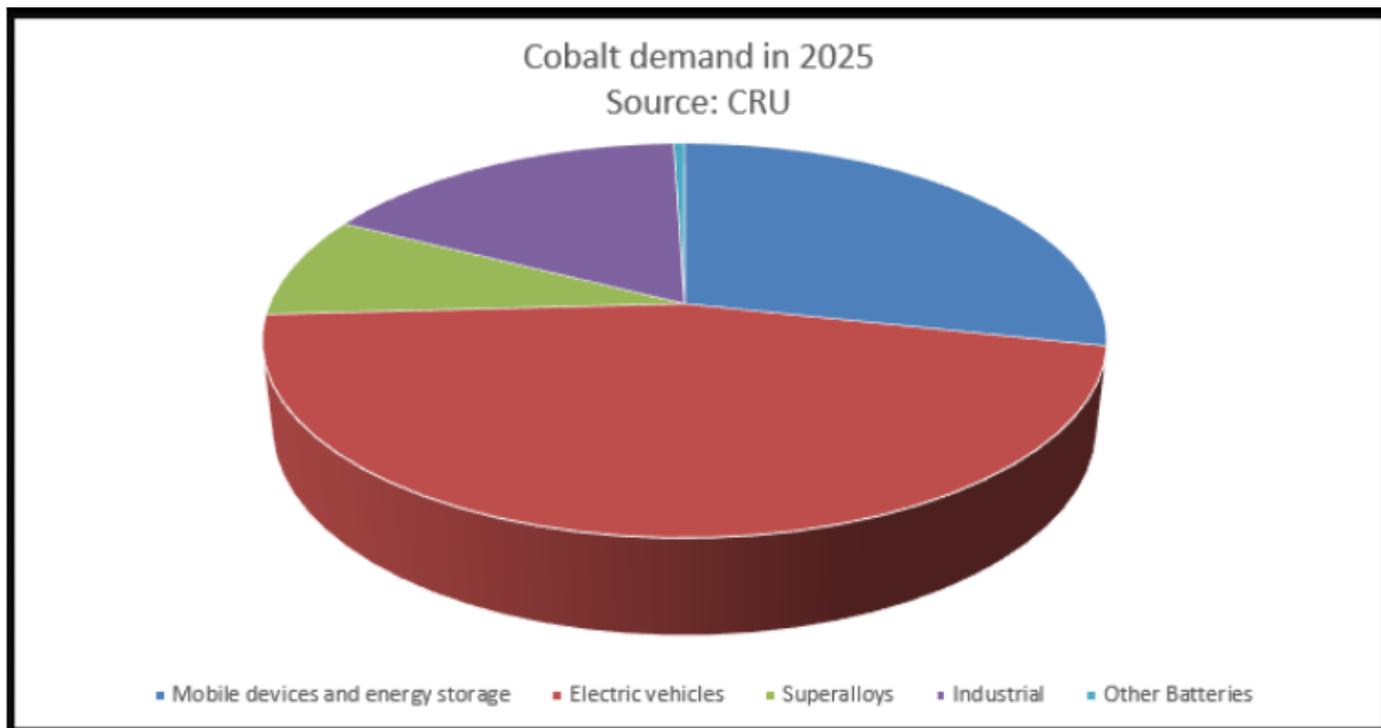
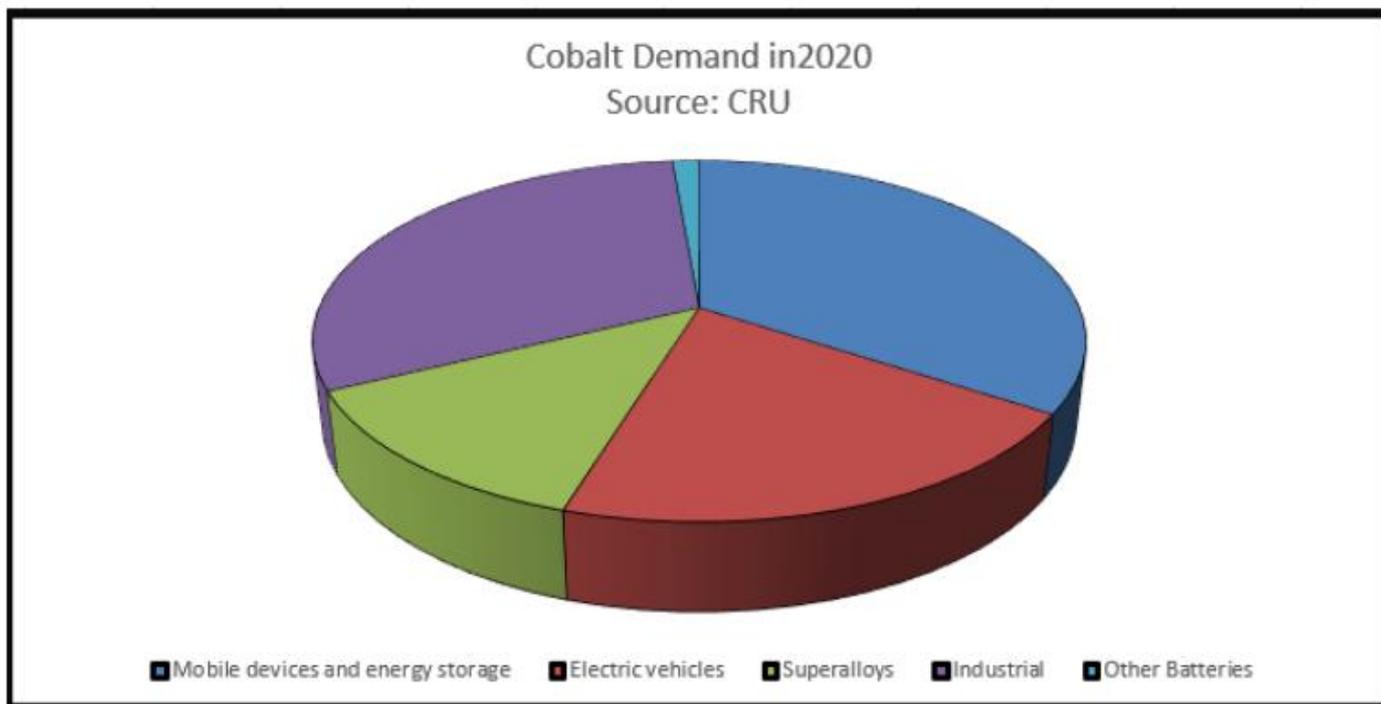
China is leading the way on 5G sales, which have slowed in recent months, but are expected to increase as growth recovers in the aftermath of the COVID-19 crisis.

“5G will be a major source of cobalt demand in the years ahead,” said George Heppel, analyst CRU, which expects cobalt demand for portable devices to rise to 73,000 tonnes by 2025 from 45,000 tonnes this year.

“Down the road we are likely to see some aggressive bidding for cobalt from electric vehicles and mobile phones, where there isn’t really a chemistry that can compete with LCO.”

Electric vehicles typically use cathodes made from nickel, cobalt and manganese, but there are alternatives such as lithium iron phosphate that do not need cobalt.

(Graphic: Cobalt demand breakdown -)



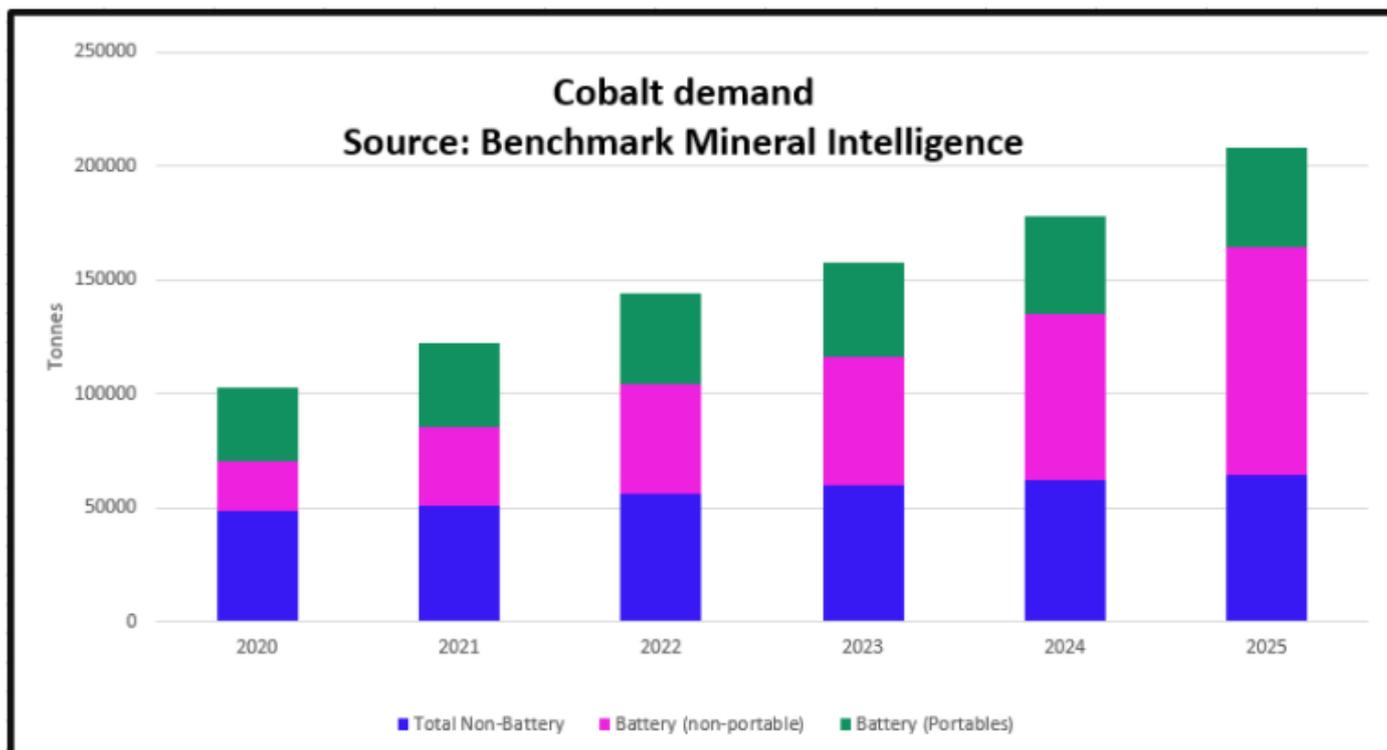
Cobalt demand estimates mostly vary between 100,000 and 130,000 tonnes for this year, doubling to between 200,000 and 260,000 tonnes in 2025.

Analysts expect a balanced cobalt market this year and deficits from 2022 as sales of electric vehicles and 5G phones accelerate.

“As the global transition to 5G technology gathers pace, growth in non-EV markets has significant potential to expand across two fronts: portables and energy storage systems,” analysts at Benchmark Mineral Intelligence said in a note.

“Demand growth for energy storage systems has already overtaken electric vehicles, albeit starting from a much lower base, and Benchmark forecasts stationary storage demand to grow by 35% per annum through the 2020s.”

(Graphic: Cobalt Demand -)



Fonte: Reuters

Autor: Pratima Desai

Data: 21/09/2020



MINÉRIO DE FERRO DEVE SE MANTER NA FAIXA DE US\$ 105 NO 2º SEMESTRE, AFIRMA UBS

Para 2021, as projeções do UBS Evidence Lab apontam US\$ 85 a tonelada; Já em 2022, a cotação deve ser de US\$ 75

A tonelada do minério de ferro brasileiro deve se manter no patamar de US\$ 105 no segundo semestre, afirma o UBS. As projeções atuais são guiadas pela recuperação “mais rápida” da oferta brasileira ante os demais produtores globais de aço, o que inclui aumento no volume de exportações no comparativo semanal.

Desde a última semana, crescem no mercado internacional receios de que as projeções de demanda para a commodity estavam superestimadas. Nesta segunda (21), com sinais de aumento de oferta, os preços caíram mais de 4% no porto de Qingdao, na China, aos US\$ 119 por tonelada.

Os analistas do UBS Evidence Lab apontam que os embarques de minério de ferro no Brasil cresceram 5% na semana passada, chegando a 6,8 milhões de toneladas. No comparativo anual, foi registrada queda de 16%.

Os maiores responsáveis pelo aumento dos embarques foram a Vale e a Minas Rio. No caso da Vale, que representa 79% das exportações brasileiras, a alta registrada entre as semanas foi de 8%, o que corresponde a 5,6 milhões de toneladas.

A companhia, porém, ficou abaixo do patamar verificado em agosto. No mês passado, a Vale atingiu o maior nível de exportação do ano, chegando a 6,8 milhões de toneladas. Para o UBS, o nível de produção atual está abaixo do necessário diante da projeção de 310 a 330 milhões de toneladas de produção em 2020.

Por outro lado, a CSN registrou queda de 24% nos volumes exportados. A companhia é responsável por 8% da exportação de minério de ferro brasileira e, segundo dados do UBS, está desde o início do ano abaixo de seu guidance de produção para 2020.

Para 2021, as projeções do UBS indicam US\$ 85 a tonelada, enquanto em 2022 a cotação deve ser de US\$ 75. Os analistas do UBS destacam que os embarques de minério de ferro no Brasil “aumentaram seguidamente” desde o primeiro trimestre deste ano, o que provocou um aumento nos estoques dos portos chineses.

Segundo os cálculos do UBS, o envio de exportações para a China leva em torno de 45 dias. O UBS reafirmou que o setor de está sujeito a alta volatilidade.

Os analistas reiteraram a preferência pelos papéis da Vale, com recomendação de compra e preço-alvo de US\$ 11,51, enquanto as ações da CSN têm recomendação de venda e preço-alvo de R\$ 16,40.

Fonte: Valor Investe

Data: 21/09/2020



CSN APROVA IPO DA UNIDADE DE MINERAÇÃO

A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) declarou nesta segunda-feira (21) que seu conselho de administração aprovou um novo plano de negócios da subsidiária CSN Mineração (Cmin) para a realização da oferta pública inicial (IPO na sigla em inglês) de ações. De acordo com a empresa, a medida tem em vista “projetos de expansão para exploração completa do potencial de suas reservas e recursos”.

"Nesse sentido, a companhia autorizou seus diretores a tomarem as medidas necessárias para a realização de oferta pública inicial de ações de emissão da Cmin, com o objetivo de financiar parte do plano de negócios da Cmin, além de criar valor para seus acionistas", afirmou em fato relevante.

O documento, assinado pelo diretor-executivo de finanças e relações com investidores, Marcelo Cunha Ribeiro, ressalta ainda que a CSN "manterá seus acionistas e o mercado informados sobre quaisquer atualizações relevantes em relação aos assuntos aqui tratados por meio de seus canais habituais de divulgação de informações periódicas e eventuais, quais sejam, o site da CVM, da B3 e da Companhia".

No fim do mês passado, a CSN decidiu dar prosseguimento à ideia de IPO de sua unidade de mineração após quase dez anos de discussão sobre o assunto. A empresa contratou então os bancos Bank of America, XP Investimentos, BTG Pactual e Morgan Stanley para coordenar a operação. A CSN quer levantar R\$ 10 bilhões na oferta.

Nos cálculos do Itaú BBA, a IPO poderá reduzir a dívida líquida da companhia em R\$ 7,5 bilhões. O banco de investimento considerou vendas de 40 milhões de toneladas de minério de ferro por parte da unidade, o dólar a R\$ 5 e a venda de uma fatia de 25% da subsidiária por parte da CSN.

Projeções

A CSN também divulgou nesta segunda-feira (21) atualizações sobre as suas projeções para o fechamento do balanço anual de 2020. A empresa espera atingir aproximadamente R\$ 9,75 bilhões de Ebitda ajustado; cerca de 2.99x Dívida Líquida/Ebitda ajustado e aproximadamente R\$ 1,50 bilhão de Capex.

"A CSN esclarece que as informações divulgadas neste documento representam estimativa e envolvem fatores de mercado alheios ao controle da CSN. Portanto, não constituem promessa de desempenho por parte da companhia e/ou de seus administradores e, dessa forma, podem sofrer novas alterações", ressalta a companhia em nota.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 21/09/2020



TRÊS GARIMPOS PODEM SER REATIVADOS EM MT

A Companhia Mato-grossense de Mineração (Metamat) realizou nesta semana uma expedição a três reservas garimpeiras fechadas na região Norte do Estado. Em parceria com a Agência Nacional de Mineração (ANM), o objetivo é mapear os locais e formalizar a extração mineral na região de Alta Floresta (a 792km de Cuiabá).

Durante três dias, foram visitados os garimpos de Zé Vermelho, em Paranaíta, Pista do Cabeça, em Alta Floresta, e Novo Astro, em Nova Bandeirantes extintos em 2011. De acordo com o presidente da Metamat, Juliano Jorge Boraczynski, o trabalho técnico da empresa estatal auxiliará a região. "Com a formalização do trabalho de extração mineral por meio de cooperativas e também a ajuda técnica conseguiremos dar condições de trabalho para mais de mil famílias que efetivamente estão no local", frisa.

O secretário nacional de Resolução de Conflitos da ANM, Caio Mario Trivelatto Seabra Filho, explica que será aberto um processo para mapeamento, estudos e análises. Após este trabalho, os garimpeiros organizados poderão requerer a extração com assistência técnica da Metamat e todas as licenças ambientais solicitadas para a Secretaria de Estado de Meio Ambiente (Sema).

Metamat

"Desta forma, damos condições para estes garimpeiros trabalharem, tirando da ilegalidade e promovendo a região de forma muito eficaz. A resolução de conflitos dá agilidade aos processos e a organização em forma de cooperativa faz tudo ser resolvido de forma mais prática", diz o gerente da ANM em Mato Grosso, Roberto Vargas.

Fonte: Agência da Notícia Mato Grosso

Data: 18/09/2020



FINANCIAMENTO E ACESSO AO MERCADO DE CAPITAIS SERÃO TEMAS DE DEBATE

O Instituto Brasileiro de Mineração (Ibram), em parceria com o Ministério de Minas e Energia (MME), realiza no próximo dia 29, das 9h às 13h, o seminário gratuito "Mineração: Financiamento e Acesso ao Mercado de Capitais". O evento virtual pretende discutir os novos instrumentos de captação de recursos financeiros para o desenvolvimento de projetos minerais no Brasil, via mercado de capitais.

De acordo com o Ibram, o encontro virtual pretende reforçar a importância desta agenda e estreitar o relacionamento entre o setor mineral e o mercado de capitais, visando, especialmente, a ampliação das oportunidades de financiamento e a atração de novos investimentos.

"Esses poderão ser um excelente caminho para atrair investimentos volumosos ao Brasil nas próximas décadas. O Ibram, em parceria com o Ministério de Minas e Energia, está agindo para esse cenário se concretizar o mais breve possível, o que poderá estimular negócios em muitas cadeias produtivas, além da geração de renda, tributos e empregos", informa o Instituto.

A abertura do evento contará com a participação do secretário de Geologia, Mineração e Transformação Mineral (SGM/MME), Alexandre Vidigal, e do presidente do Conselho Diretor do Ibram, Wilson Brumer. Além da palestra inicial "O Futuro do Investimento e as Oportunidades em Mineração", a ser ministrada pelo estrategista-chefe e head do Research da XP Investimentos, Fernando Ferreira, o seminário será dividido em três painéis.

O primeiro, "Mercado de capitais - Brasil, Canadá e UK", será moderado por Brumer e contará com Rogério Santana, diretor da B3, Marcelo Barbosa, presidente da Comissão de Valores Mobiliários (CVM), Guillaume Légaré, Head South America, Toronto Stock Exchange (TSX), e Chris Mayo, Head of Primary Markets of the Americas at the London Stock Exchange Group, além de um porta-voz de uma empresa mineradora. Serão debatidos, entre vários temas, a criação de um ecossistema de investimento de longo prazo e de risco em mineração e a necessidade de um arcabouço regulatório específico, a partir dos exemplos recentes.

O segundo painel, "Novos Mecanismos de Financiamento e Compromissos Socioambientais", debaterá como os novos mecanismos de financiamento podem melhorar os compromissos socioambientais do setor e como atingir projetos de pequeno e médio portes. Ele será moderado pela executiva da A10 Investimentos, Ana Cabral, e contará com a participação de especialistas nacionais e estrangeiros: Marco Antonio Fujihara, Expert in Climate Finance, ESG, Sustainable Finance, Ana Buchain, diretora da B3, Maria Luqueze, diretora e Head do Brazil, UK Export Finance.

O terceiro e último painel, "Regulação e Financiamento", discutirá temas como uso do título minerário como garantia, as necessidades de alterações normativas, como a resolução da Agência Nacional de Mineração (ANM), que trata dos novos conceitos de Recursos e Reservas e o registro de contratos de royalties e streaming. O encontro será moderado pela secretária-adjunta da SGM/MME, Lília Mascarenhas Sant'Agostino, e contará com a participação de Tomás Antônio Albuquerque de Paula Pessoa Filho, diretor da Agência Nacional de Mineração (ANM), Luis Mauricio Azevedo, presidente da Associação Brasileira de Pesquisa Mineral (ABPM), Flávio Penido, diretor-presidente do Ibram, Arão Portugal gerente nacional da Amarillo Gold.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 18/09/2020



MESMO COM PRODUÇÃO NORMALIZADA, PREÇO DO COBRE NÃO PARA DE SUBIR

Após apresentar uma forte queda no primeiro trimestre, o cobre vem se tornando a estrela dos metais e chegou a alcançar, em julho, a maior cotação em dois anos. Antes impulsionada pela queda na produção, ocasionada pela pandemia de Covid-19 que obrigou empresas em todo o mundo a diminuir o ritmo, a alta no preço não sofreu reflexo com a recuperação da produção chilena nos últimos meses, o que sugere que ele pode ter sido beneficiado com a recente fraqueza do dólar americano.

A cotação do cobre metálico subiu 3,5% para US\$ 6.633 a tonelada na semana de abertura em julho da London Metal Exchange (LME) – o que é uma diferença considerável em relação à baixa de US\$ 4.320 a tonelada em meados de março. A previsão dos especialistas na commodity é que o preço continue a subir pelos próximos 18 meses.

O bom resultado é devido ainda ao otimismo nos mercados financeiros chineses, cujos ganhos das ações locais superam a alta de todos os mercados mundiais. Preços mais altos vão beneficiar mineradoras como a Freeport-McMoRan, a maior empresa de cobre com papéis listados em bolsa.

Outro fator de impulsionamento de preços é a intensidade do uso de cobre em veículos elétricos, no uso de energia renovável e outras iniciativas destinadas a reduzir as emissões de carbono das indústrias de transporte e geração elétrica, principalmente em países da União Europeia, o que resulta numa demanda crescente do metal.

Mineradoras cautelosas com a retomada

Apesar do início do relaxamento no isolamento e nas precauções sanitárias impostas pela pandemia, a estatal chilena Codelco, maior produtora mundial de cobre, tem adotado uma abordagem cautelosa para retomar os seus grandes projetos de desenvolvimento, que foram suspensos no intuito de proteger seus trabalhadores. Uma das obras que podem ser retomadas em breve é o projeto subterrâneo Chuquicamata, mesmo que a previsão de ter a força completa de trabalho seja só para janeiro.

Mesmo com a retomada de projetos, considerados cruciais para que a estatal chilena mantenha sua capacidade de produção e, assim, alivie as preocupações do mercado sobre possíveis cortes no fornecimento, a paralisação parcial durante a pandemia pode ter consequências graves para a empresa.

Com décadas de subinvestimento, a Codelco precisará gastar mais de US\$ 40 bilhões na próxima década apenas para manter a produção. A Cochilco, agência de cobre do governo, anunciou que a produção de cobre do Chile deve cair 1,2% em 2020.

Outra empresa a atuar no Chile, a canadense Teck Resources, foi igualmente cautelosa ao iniciar as obras de expansão em sua mina Quebrada Blanca.

Pandemia causa comportamento confuso no mercado

Não é de se espantar que o preço do cobre tenha sofrido tamanha oscilação desde o primeiro trimestre, por ocasião da pandemia de Covid-19, já que ele é uma das commodities mais sensíveis às condições econômicas. A surpresa do mercado é quanto à também alta nos preços do ouro e da prata, que, originalmente, têm um comportamento oposto em relação ao cobre. Ou seja, quando um cai, os outros sobem, e vice-versa.

O ouro, que apresentou leve queda no início da pandemia, subiu 30% desde o final de março, e a prata, que caiu 34% no 1º trimestre, desde então subiu impressionantes 98%. Este comportamento pode refletir a confusão e as divisões entre os investidores sobre o curso provável do vírus e seus impactos econômicos e de mercado.

A alta do cobre explica-se inicialmente pela incidência do coronavírus no Chile e no Peru, que produzem, juntos, cerca de 40 por cento do cobre mundial, afetando o fornecimento. Como a China parece estar emergindo mais rapidamente do que o resto do mundo dos efeitos econômicos da pandemia, a demanda continua em alta.

A trajetória dos preços do ouro e da prata pode significar que os investidores em metais preciosos não estão tão confiantes de que a pandemia terminará tão logo ou tão bem quanto os investidores em ações parecem acreditar, já que o ouro sempre foi um investimento de refúgio em tempos voláteis e ameaçadores, o que se encaixa na descrição de uma pandemia. Além da crise de saúde e suas implicações econômicas, há ainda a escalada das tensões entre as duas maiores economias do mundo, os EUA e a China.

Fonte: Brasil Mineral

Autor: Rodrigo Scolaro

Data: 16/09/2020



NÍQUEL

ATLANTIC NICKEL VAI AMPLIAR MINA SANTA RITA

A Atlantic Nickel lançou um Plano de Avaliação Econômica Preliminar (PEA) – ainda em fase conceitual – que amplia de oito para 34 anos as operações da Mina Santa Rita, localizada em Itagibá (BA). O anúncio é um marco para a companhia, pois a consolida como uma das principais fornecedoras de níquel sulfetado do mercado mundial e a única atualmente em operação na América Latina. "Esse novo plano econômico eleva a Atlantic Nickel para um novo patamar internacional, com uma operação cada vez mais sustentável. Com menos emissão de carbono, mais segura e responsável e com um produto de excelente qualidade para atender à demanda não só de baterias elétricas, mas ao amplo mercado de eletrificação", afirma Paulo Castellari, CEO do grupo Appian no Brasil, detentor da Atlantic Nickel.

O novo PAE indica potencial de exploração subterrânea por 26 anos, divulgado pela Appian em maio passado, o que ampliaria o total para 34 anos (8 anos de mina a céu aberto + 26 anos de mina subterrânea). A operação em Santa Rita seria dividida em duas etapas. Inicialmente, a Atlantic Nickel irá manter exclusivamente a exploração da mina a céu aberto até 2028, período em que a companhia avançaria na sua capacidade de produção, estimada entre 20 e 25 mil toneladas anuais de níquel contido no concentrado.

Já na segunda etapa é prevista a implantação de uma mina subterrânea com capacidade de exploração por mais 26 anos. De acordo com o PAE, cerca de US\$ 355 milhões devem ser investidos nos primeiros cinco anos.

Estudos de sondagem da Atlantic Nickel confirmam recursos minerais de 134 milhões de toneladas de níquel para essa mina subterrânea – entre recursos indicados e inferidos – com um alto teor de níquel (0,54%). Nessa fase, a empresa elevaria sua capacidade de produção para 40/45 mil toneladas anuais de níquel contido no concentrado.

A Atlantic Nickel estima iniciar a instalação da mina subterrânea em 2026, para dar início à operação dois anos depois. Após conclusão da fase conceitual do PAE, o Grupo Appian segue com a realização de furos de sondagem e com estudos de engenharia mais elaborados para avançar nos dados da viabilidade econômica da mina subterrânea. "Estimamos que haverá um déficit de níquel nos próximos cinco a 10 anos em razão do aumento da demanda por causa do mercado de eletrificação. E estamos otimistas com a possibilidade de operar pelos próximos 34 anos, atendendo a essa demanda e continuando contribuindo com as comunidades do sul da Bahia," ressalta Paulo Castellari.

Fonte: Brasil Mineral

Data: 16/09/2020



JANGADA ENCOMENDA AVALIAÇÃO ECONÔMICA PRELIMINAR PARA PROJETO DE VANÁDIO NO CE

A Jangada Mines contratou a GE21 Consultoria Mineral para produzir uma Avaliação Econômica Preliminar (PEA, na sigla em inglês) para o projeto de vanádio Pitombeiras, no Ceará. A companhia anunciou também nova fase de uma campanha de sondagem no ativo para preparação de uma PEA "robusta" com o objetivo de desenvolver a operação.

Segundo a companhia, a avaliação econômica preliminar, que será financiada com recursos existentes no caixa da empresa, vai "aumentar a confiança na abordagem acelerada para a produção" após a revisão dos resultados alcançados até o momento.

Segundo o presidente do conselho da Jangada, Brian McMaster, "desde os resultados iniciais da sondagem, nossa estratégia para o projeto Pitombeiras tem sido orientada para o desenvolvimento até à produção".

"Temos trabalhado nos principais aspectos do desenvolvimento do projeto, abrangendo logística, desenvolvimento de recursos, metalurgia e rota de processamento. Os resultados e descobertas até o momento foram construtivos para a preparação de uma PEA robusta, que agora foi encomendada", salientou o executivo.

Sondagem

McMaster observou que o desenvolvimento da operação será apoiado pela terceira fase de uma campanha de sondagem, prevista para ser iniciada ainda em setembro. O programa, de acordo com a Jangada, será realizado pela Servdrill Perfuração e Sondagem e vai abranger "no mínimo" 2.000 metros lineares, com furos planejados com inclinações entre 50 a 90 graus em relação ao nível da superfície e profundidades que variam de 40m a 60m.

A Jangada afirma que o objetivo da campanha é expandir os recursos com "mais aproximadamente 10 milhões de toneladas em alvos principais".

Em julho, a companhia relatou resultados iniciais de sondagem em Pitombeiras que incluem a interseção de 27,75 metros com pentóxido de vanádio (V₂O₅) a 0,65%, 12,95% de dióxido de titânio (TiO₂) e 63,69% de óxido férrico (Fe₂O₃), incluindo 9,50 metros com 0,77% de V₂O₅, 15,19% de TiO₂ e 72,44% de Fe₂O₃.

Fonte: Notícias de Mineração Brasil

Data: 16/09/2020



PROJETO PERMITE EXPLORAÇÃO DE MINÉRIOS PARA CONSTRUÇÃO CIVIL SEM ESTUDO PRÉVIO DE IMPACTO AMBIENTAL

Será necessária medida compensatória que inclua a recuperação de bacia hidrográfica

O Projeto de Lei 4473/20 permite o licenciamento ambiental de empreendimentos de lavra de minerais usados na construção civil (fragmentos de rochas, areia, argila, brita e cascalho) sem a necessidade de apresentação de Estudo Prévio de Impacto Ambiental (EIA) e de Relatório de Impacto Ambiental (Rima). O texto, que tramita na Câmara dos Deputados, altera a Lei da Mata Atlântica.

Segundo o projeto, a supressão de vegetação secundária em estágio médio ou avançado de regeneração poderá ser autorizada por rito ordinário, com dispensa de EIA/Rima, desde que justificada pelo órgão ambiental competente. Vegetação secundária corresponde à floresta em regeneração após cortes, queimadas ou uso para agricultura ou pastagem.

Nesse caso, a autorização, conforme o texto, dependerá de: inventário florestal da área a ser cortada ou suprimida; laudo descritivo da fauna local e de entorno; avaliação demonstrativa da necessidade de supressão; e de adoção de medida compensatória que inclua a recuperação da bacia hidrográfica de área equivalente à área de supressão.

A legislação atual estabelece que a supressão de vegetação desse tipo no bioma Mata Atlântica só pode ocorrer mediante licenciamento ambiental com EIA/Rima e desde que demonstrada a inexistência de outra alternativa técnica e de local para o empreendimento. A lei exige ainda a recuperação de área equivalente à área do empreendimento.

Penalidades

Autor do projeto, o deputado Lucas Redecker (PSDB-RS) argumenta que a dispensa do EIA/Rima não significa dispensa de estudos prévios, inventários e demais diagnósticos solicitados pelo órgão ambiental licenciador, os quais, segundo ele, também pretendem a preservação da vegetação da Mata Atlântica.

"O projeto introduz dispositivos claros e objetivos, com penalidade para aqueles que prestarem informações falsas ou deixarem de executar as medidas compensatórias", defende o autor.

Segundo o projeto, os infratores estarão sujeitos a punições previstas na Lei de Crimes Ambientais: reclusão de três a seis anos e multa, para quem apresentar informações falsas ou omitir dados; e sanções como advertência, multa e suspensão das atividades, em caso de infração administrativa.

Fonte: Agência Câmara de Notícias

Autor: Murilo Souza

Data: 15/09/2020



PRORROGADA A TOMADA DE SUBSÍDIOS SOBRE EXPLORAÇÃO DE ÁGUA MINERAL

Sociedade pode fazer as contribuições até 26/09

A pedido do setor mineral, a Tomada de Subsídios 07/2020, aberta no último dia 25 de agosto, foi prorrogada. Agora, as contribuições podem ser feitas até 26/09. A coleta de contribuições trata da revisão das portarias que regem a exploração da água mineral, com o objetivo de aprimorar as condições técnicas para a pesquisa e a lavra de água mineral no Brasil, modernizando as normas do aproveitamento de água mineral, termal, gasosa e potável de mesa, destinadas ao envase, uso como ingrediente para o preparo de bebidas ou ainda para fins balneários.

O questionário pode ser respondido pelo setor mineral e pela sociedade [neste link](#). A ideia é desburocratizar a exploração de água mineral, cumprindo a lei de liberdade econômica e reduzindo o fardo regulatório da ANM.

Fonte: ANM

Data: 14/09/2020